

N.º 112 — Lisboa, 24 de março

5.º ANO  
1915

# PARODIA

FUNDADOR  
RAPHAEL BORDALLO PINHEIRO

Publica-se ás sextas-feiras  
Toda a correspondência deve ser  
dirigida ao administrador da  
**PARODIA**  
**PREÇO AVULSO 40 RÉIS**  
Um mez depois de publicado 80 réis

Redacção e administração — Rua dos Mouros, 37, 1.º

**Assinaturas (pagamento adeantado)**

|                                             |                                          |
|---------------------------------------------|------------------------------------------|
| Lisboa e provincias, anno 52 num. 25000 rs. | Brazil, anno 52 numeros..... 55000 rs.   |
| Semestre, 26 numeros..... 15000 »           | Africa e India Portuguesa, anno. 25000 » |
| Cobrança pelo correio..... 5100 »           | Estrangeiro, anno 52 numeros... 35000 »  |

NOTA: — As assignaturas por anno e por semestre acceptam-se em qualquer data;  
tem porém de começar sempre no 1.º de janeiro ou no 1.º de julho

EDITOR — CANDIDO CHAVES

COMPOSIÇÃO  
**Annuário Commercial**  
5, Calçada da Gloria, 5  
IMPRESSÃO  
**Lithographia Artistica**  
Rua do Almada, 32 e 34

## Ordem do dia

### John Bull

John Bull é, como Jonathan, Jacques Bonhomme e o Zé Porinho — um symbolo.

Assim como o Zé Porinho é a resignação e a bonhomia, assim como Jonathan é a argucia e a prudencia, assim John Bull é a força e a obstinação, a religião do proprio interesse, o culto da tradição, a solidariedade de familia, o soberbo isolamento.

John Bull não pertence ao genero humano senão por algumas vagas affinidades idealistas. Pelo espirito do seu engrandecimento e pela noção das suas commodidades, pertence-se a si mesmo.

John Bull é um post-scriptum á Creação.





## AGUA DE MEZA SAMEIRO

de uma leveza extraordinária e de uma pureza indiscutível, engarrafada debaixo de todos os preceitos indicados pela Sciencia.

As garrafas e as rolhas usadas no engarrafamento da Agua de Meza

**Sameiro**

São sempre esterilizadas

E já conhecida pelas suas pouco vulgares qualidades em quasi todos os paizes estrangeiros e nas colonias portuguezas.

Está á venda: em todos os estabelecimentos importantes de Portugal

Preços de venda a retalho

Cada garrafa de 1/2 litro ..... 80 rs.  
" " 1/4 litro ..... 50 rs.

Deposito geral no Porto:

**C. CoVerley & C.<sup>a</sup>**

**Reboleira, 55, 1.º**

Endereço telegraphico—COVERLEY  
Telephone n.º 15

Em Lisboa:

**Manoel José da Silva**

RUA D'EL-REI, 31, 2.º

Telephone n.º 512

Endereço telegraphico—MISSILVA

**FABRICA DE CARTAS DE JOGAR de Germano & C.<sup>a</sup>**

Rua Vasco da Gama, 60, 1.º—Lisboa

Cartas numeradas para os jogos de Whiste, Voltaire e Sólo. Especialidade em cartas para o jogo do monte.

**Descontos aos revendedores**

**OURIVESARIA E RELOJOARIA**

com officina annexa

de fabrico

e concertos

**FLORINDO**  
Jóias  
com brilhantes

Preços limitadissimos

**99, Rua Aurea, 99**



Peço a V. Ex.<sup>a</sup> a fmeza de não comprar chapéus sem primeiro visitar este estabelecimento

# Annuario Commercial de Portugal ILHAS E ULTRAMAR

PROPRIETARIO-EDITOR: MANOEL JOSÉ DA SILVA ~ DIRECTOR: CALDEIRA PIRES

DA INDUSTRIA, DA MAGISTRATURA E DA ADMINISTRAÇÃO CONTEUDO: 1 milhão de endereços e informações em todos os ramos e em todas as freguezias do reino.

**2:360 paginas de texto — 25.º anno**

**Á VENDA EM TODAS AS LIVRARIAS**

**PREÇO 2\$500 RÉIS**

**BRINDE: Uma nítida planta de Lisboa medindo 0,34 x 0,36**

**ESCRITORIO**  
**PRAÇA DOS RESTAURADORES**  
(PALACIO FOZ)





N.º 112 - LISBOA, 24 DE MARÇO

5.  
ANO  
95

# PARODIA

FUNDADOR  
**RAPHAEL BORDALLO PINHEIRO**

Publica-se às sextas-feiras

Toda a correspondência deve ser dirigida ao administrador da

**PARODIA**

**PREÇO AVULSO 40 RÉIS**

Um mez depois de publicado 80 réis

Redacção e administração — Rua dos Mouros, 37, 1.º

**Assignaturas (pagamento adiantado)**

|                                            |                                          |
|--------------------------------------------|------------------------------------------|
| Lisboa e provincias, anno 52 num. 25000 rs | Brazil, anno 6 numeros..... 55000 rs     |
| Semestre, 26 numeros..... 15000 rs         | Africa e India Portuguesa, anno 15000 rs |
| Cobrança pelo correio..... 51000 rs        | Estremerro, anno, 52 numeros... 35600 rs |

NOTA: — As assignaturas por anno e por semestre acceptam-se em qualquer data; tem porém de começar sempre no 1.º de Janeiro ou no 1.º de Julho

EDITOR — CANDIDO CHAVES

COMPOSIÇÃO

**Minerva Peninsular**

82, Rua do Norte, 82

IMPRESSÃO

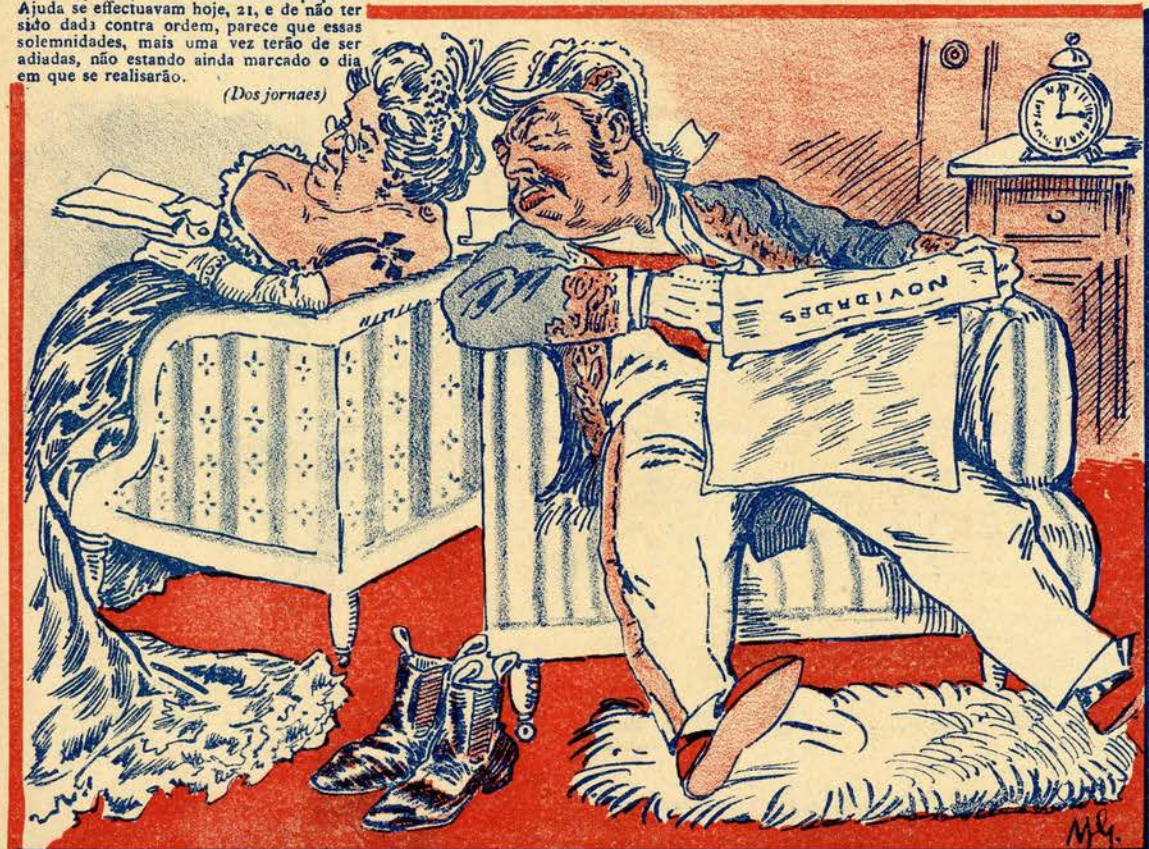
**Lithographia Artistica**

Rua do Almada, 32 e 34

Apesar de terem sido publicados pela mordomia-mór da casa real, os avisos annunciando que o jantar e concerto no paço da Ajuda se effectuavam hoje, 21, e de não ter sido dada contra ordem, parece que essas solemnidades, mais uma vez terão de ser adiadas, não estando ainda marcado o dia em que se realizarão.

(Dos jornaes)

## A' ESPERA DA RAINHA



Os convidados para o jantar e concerto no Paço decidiram não se despir, na expectativa de serem a cada momento chamados.



## PONTUALIDADE

N'um dos numerosos esboços biographicos da rainha Alexandra, publicados pelos jornaes da imprensa diaria, aquella sympathica soberana, nosso hospede, é apresentada como possuindo todas as virtudes excepto uma — a pontualidade.

Em abono d'esta asserção, o *Diario de Noticias*, por exemplo, cita numerosos casos, em que a princeza systematicamente apparece tarde e a más horas.

A pontualidade, diz não sabemos já que arguto definidor, é a virtude que consiste em fazer esperar os outros. Em geral só os outros são pontuaes. Nós passamos a vida a desculpar-nos de não o ser. A falta de pontualidade não é, portanto, uma característica da rainha Alexandra. Mas se o fosse como ella se encontraria bem entre nós! e como esta seria, depois da Dinamarca, a sua patria!

Em toda a parte, segundo parece, só os outros são pontuaes.

Em Portugal, nem os outros!

A falta de pontualidade no nosso paiz é por tal forma um habito social, que, em rigor, no systema das nossas mútuas relações, ninguém chega primeiro. Dois individuos combinam encontrar-se e o que quasi sempre succede é que — não se encontram.

Diz o *Diario de Noticias*, a proposito d'esta referencia á personalidade da rainha Alexandra, que a pontualidade é um modo de ser individual. Em Portugal, a falta de pontualidade é um modo de ser colectivo. Não são os individuos que chegam tarde: é a nação em peso. D'ahi talvez o nosso atrazo em relação a todas as coisas. Já toda a Europa andava em caminho de ferro e ainda nós andavamos de diligencia. Quando Fontes chegou com o seu famoso fomento trazia pelo menos vinte annos de atrazo. Nós chegamos tarde a todos os rendez-vous; chegamos tarde para jantar e chegamos tarde para progredir.

Além d'isso, adiamos.

Chegar tarde, é uma das nossas características. Adiar é outra.

Qual o estrangeiro que algum dia tenha entrado em relações connosco e não conheça a nossa palavra — *amanhã*?

Nós deixamos ficar tudo para o dia seguinte. Diante dos grandes, como dos pequenos problemas — *adiamos*.

Ha um negocio a concluir?

Amanhã!

Ha uma carta a responder?

Amanhã!

Ha uma visita a pagar?

Amanhã!

Amanhã é o nosso dia activo. O dia d'hoje é sempre um dia perdido.

Assim, os nossos negocios arrastam, as nossas cartas ficam sempre

sem resposta, as nossas visitas sempre por pagar, porque *amanhã* não vem nunca: é sempre — *amanhã*. O dia seguinte das nossas resoluções é sempre um dia temeroso que affastamos indefinidamente.

Percorra-se Lisboa. O que se ouve? Desculpas.

Toda a gente se desculpa.

Este desculpa-se, porque ficou de apparecer e não appareceu; aquelle desculpa-se porque prometteu escrever uma carta e não a escreveu; um outro desculpa-se porque recebeu um presente e não o agradeceu; um outro, porque devia ter dado uns pezaes, que não deu.

Das nossas relações sociaes levanta-se um murmuro de contrição. Toda a gente se accusa de alguma falta social e se penitencia publicamente batendo nos peitos. O que suavisava esta situação é que são raros os que não estão em falta. Nós não respondemos a cartas, mas em compensação ninguém nos responde a nós. No regimen da correspondencia postal, o que é d'uso é perguntar alguns mezes depois, por desfastio e ao acaso do primeiro encontro: — O'

Fulano! Tu recebeste uma carta minha aqui ha tempos? ao que o interpellado invariavelmente responde: — E' verdade! O' diabo! Desculpa! Também se usa n'esta conjunctura fazer derivar os successos sobre as irregularidades do serviço postal.

Faltar, adiar, taes são as nossas características.

Por isso também somos um paiz ideal para refugio de preguiçosos, desmazelados e inertes.

A vida social é feita de disciplina. Nós vivemos na desordem. Na vigencia d'este esplendido regimen, um retardatario a mais não vem desmanchar a harmonia das coisas. A rainha de Inglaterra, por exemplo, não chegou quando devia chegar, mas nós, por nossa vez, não estavamos preparados para a receber, se ella chegasse quando devia.

Se ella tivesse sido pontual com a sua presença, nós não o tinhamos sido com o nosso acolhimento. Já ella estaria no Tejo esperando a hora de desembarcar e ainda nós estariamos martellando no pavilhão do Terreiro do Paço.

JOÃO RIMANSO.

## A PASSAGEM DO CORTEJO

N'uma casa da Baixa



— A minha senhora está muito mal, não pôde receber ninguém.

— Ai, coitadinha! Mas não faz mal, nós não a incommodamos — eu queira lhe só pedir um cantinho da janella, para mim e para estas minhas amigas.



## LISBOA EM FESTA

Em vão se procurará saber quem foi que ideou as ornamentações das ruas. Um commerciante da rua do Ouro, o sr. Affonso de Pinho, varreu a sua testada: elle não foi. O sr. Pinho não quiz solidariedades com os panninhos vermelhos, e fez muito bem.

Quem teve a idéa de collocar os moradores do Chiado, entre columnas, como nas lojas maçonicas?

Tampouco se sabe.

Finalmente, quem foi o homem de genio que planeou a casa fingida da rua Nova do Carmo? Quem?

As ornamentações das ruas de Lisboa são o producto, cremos nós, da imaginação collectiva. Assim como se fez uma subscrição para as despesas, assim se fez uma subscrição para as idéas.

Tanto uma como outra deram pouco.

Estando a cidade preparada para receber a rainha da Inglaterra, pergunta-se como vai ella receber o imperador da Alemanha.

O problema não é dos mais insignificantes.

Com effeito, se se recebe o imperador Guilherme no mesmo scenario em que foi recebida a rainha Alexandra, aquelle tem razão de pensar que lhe servem os restos de uma festa, que afinal não foi feita em sua intenção.

Se, por outro lado, destruimos os vestigios da festa, deitamos abaixo os pavilhões, arrancamos os mastros, tiramos as colchas das janellas e apagamos as illuminações, mal a rainha nos deixe e antes que o imperador chegue, o mesmo vale que estabelecer entre um e outro, ostensivamente, uma distincção pouco amavel.

Inconvenientes estes de dar hospitalidade a duas soberanias a um tempo.

Para estes casos o unico alvitro seria o de montar o regosijo publico como as magicas da Trindade, com machinismos, alçapões e cordelinhos que fizessem mutações á vista.

Para este effeito, um contra-regra com um apito seria sufficiente. A rainha deixava-nos e immediatamente, os semaphoros annunciavam o imperador á barra. Depressa! Um signal de apito. Os machinistas escondidos nos predios da rua do Ouro e do Chiado puchavam os respectivos cordelinhos e onde estava a cidade

em festa para receber a rainha de Inglaterra, apparecia a cidade em festa para receber o imperador da Alemanha.

N'esta ordem de idéas quem verdadeiramente devia organizar as recepções regias em Portugal devia ser o empresario Taveira, ou o Sousa Bastos. Annunciar o imperador da Alemanha, ou annunciar a *Filha do Inferno* seria então, pouco mais ou menos, a mesma coisa.



### Segunda-feira.

A rainha não chegou.

Quem rejubila são os empregados publicos.

Os feriados contam-se pelos dias de expectativa.

Hoje, os ministerios da guerra e das obras publicas não abriram. Os outros, dizem os jornaes, estiveram quasi abandonados.

Chegará a rainha amanhã? Chegará depois?

O pessoal da administração publica não tem pressa.

Por causa das chuvas, as ornamentações soffreram alguns precalços, mas o mais extraordinario é o que é referido n'estes termos por um jornal da noite:

«Devido á chuva que tem cahido, muitas pessoas tem ficado com o vestuario estragado por o facto de debotarem as ornamentações das janellas e das ruas. Acautellem-se, pois, os transeuntes e recolham-se assim que comee a chover, para não verem os fatos de outra cor.»

Se vem a chover por occasião da

chegada da rainha, o que ainda não podemos verificar á hora em que escrevemos estas linhas, a população de Lisboa e os seus setenta mil forasteiros embandeiram em arco.

Onde em tal caso se recolham não sabemos. A não ser que se recolham no predio fingido da rua Nova do Carmo.

O jantar de gala no Paço da Ajuda é todos os dias annunciado para o dia seguinte, o que nos faz suppor que já deve estar ligeiramente requentado.

Inconvenientes de fazer cosinha em casa.

Segundo parece, a Azambuja pretende associar-se especialmente ás manifestações de regosijo publico, mas, precavida, eis como procede a Azambuja: espera que os jornaes lhe levem a noticia de que o *yacht* real vai entrando a barra e só então, mas só então se decide, pelo comboio das 11, a vir a Lisboa.

Assim o esclarecem telegrammas d'aquella localidade famosa.

Como succede sempre que entre nós se dá algum grande successo colectivo, os alvitres pullulam. Um d'elles é o de um sujeito que lembra nos jornaes a conveniencia das senhoras se vestirem de branco no dia da chegada da rainha. Esta verdadeira invasão do fóro intimo tem em vista, diz o auctor do alvitro, tornar mais festivo o aspecto da cidade.

Pela mesma razão alvitrou-se e depois decretou-se que se vá de farda á recita de gala.

E' o regosijo na sua fórma despoetica.

O que succederá de futuro?

De futuro é de prever que embandeirarem o transeunte, como já embandeiraram as janellas.

Os frequentadores de S. Carlos que não tem uma farda estão verdadeiramente penalizados e reconhecem já a necessidade de um uniforme colectivo.

Cremos que o assumpto será opportunamente estudado e que, na falta de uma farda, o Estado faculte em occasiões sollemnes, a todos os cidadãos, indistinctamente, pelo menos, um habito de S. Thiago.



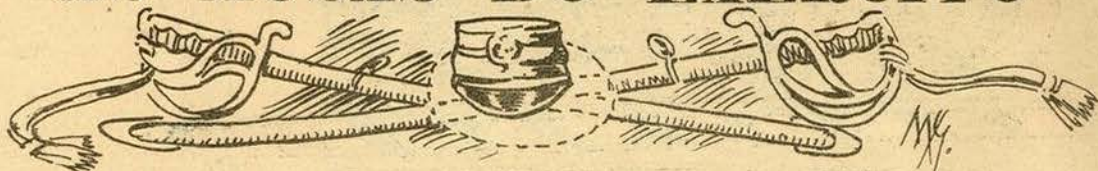
# ATRAZ DE TEMPOS...



O FILHO — Que lindo que está o Chiado, oh pae!  
O PAE — Ha quinze annos não estava assim! não!



# AS MUSAS DO EXERCITO



As primeiras notícias da vinda do Imperador da Alemanha a Lisboa espalharam uma certa inquietação nas fileiras do nosso exercito.

Sabendo-se que Guilherme II é hoje, sobre a terra, o mais illustre representante de todos os prestigios olympicos de Marte, deus da Guerra, esse sobresalto explicava-se. Não se estava prevenido.

Se o Imperador, em vez de nos fazer constar que vinha visitar-nos, nos tivesse logo declarado a guerra, não teria sido maior o panico.

Era necessario mostrar-lhe, sã e escoreita, vivinha a saltar, a raça dos heróes da nossa velha epopéa.

O Museu de Artilheria, só por si, não seria bastante.

Ainda mesmo o Sr. Malaquias de Lemos, que é de muito vulto, não

satisfazia as exigencias de toda uma epopéa.

Como poderia pois sair se o exercito de um embaraço tão grave?

O caso estimulou então demoradas locubrações, que não foram sem resultado.

O Quartel General teve uma idéa.

Dentro d'essa idéa um plano.

Dentro d'esse plano, um salvatério.

Apaixonado pela guerra, o Imperador é, simultaneamente, um apaixonado das musas. Ninguém o ignora. Mostrar-lhe um exercito de braço ás armas feito e mente ás musas dado, seria o ideal.

Ora, se o nosso exercito, com respeito a armamento, alguma rasão tinha para sobresaltos, nas suas setas

quintas se achava, com respeito a musas.

O plano seria, pois, entreter o Imperador, durante a sua estada em Lisboa, com a parte litteraria e artistica do exercito, promettendo-lhe para o fim a parte bellicosa. E tanto fazer valer o poder da estrategia na primeira parte, que chegado o momento de se passar a segunda, o proprio Imperador batesse em retirada.

A' hora a que escrevemos, já consta que o Ministerio da Guerra achou optima a idéa, estando approvado o seguinte programma de *matinée*, que muito provavelmente se realizará na sala de armas de Cavallaria 4, por occasião da visita do Imperador ao quartel d'aquelle regimento:

## 1.ª Parte

1—Ouverture da *Valkyria* pela banda da Guarda Municipal, com os esquadrões de prevenção.



2—Apresentar armas! pelo Coronel-commandante de Cavallaria 4.



3—A *Vivandeira* do 31 de Janeiro, poesia original do Major Sarsfield, do Club Madeirense, recitada por um corneta.



4—Atribuições d'um recruta, scena-comica original do Tenente Coronel Maximiliano de Azevedo, representada pelo seu impedido.



5—*Variações sobre o orçamento do Ministerio da Guerra* pelo Major Francisco José Machado.



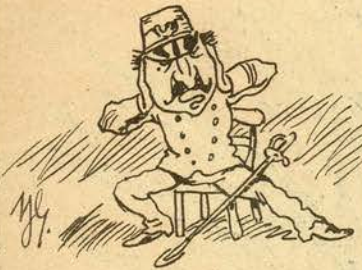
6—O 2.º acto dos *Peraltas e Secias*, por um grupo dramatico de alumnos do Real Collegio Militar.





2.ª Parte

7 — *Marcha funebre* de Chopin, atraz da Procissão do Senhor dos Passos, pela banda de Caçadores 5.



8 — *Dois amigos como ha poucos*, entreacto parlamentar pelos Generaes Sebastião Telles e Pimentel Pinto.



9 — *O que morreu d'amor* por uma creada de fóra, poesia comica do Tenente medico Julio Dantas, recitada por uma praça com baixa ao hospital.



10 — *Coração doente, romanza* pelo Capitão Lourenço Cayolla.



11 — *Aguarellas instantaneas*, pelo Tenente Coronel Sesinando Ribeiro Arthur.



12 — *Das analogias de confusão* entre a musica de Wagner e os orçamentos do nosso Ministerio da Guerra, simulacro de interpeação parlamentar, pelo General Dantas Baracho.

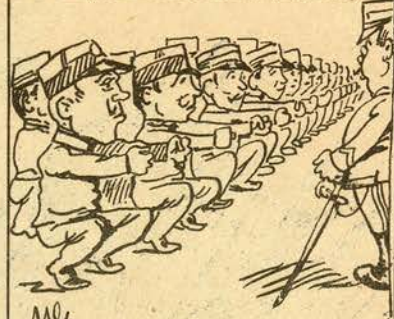


3.ª Parte

13 — *Endeixas do Polygono de Tancos*, versos do Tenente Coronel Fernandes Costa, cantados á guitarra por um sargento da Escola Practica de Artilheria.



14 — *Evoluções, marchas e contra-marchas da Ala dos Namorados da Escola do Exercito sob o commando do Major Antonio de Campos Junior.*



15 — *A Bernarda*, scena comica pelo Major Dias.



16 — *A Torre do Tombo*, poemeto do Tenente-Coronel Christovam Ayres em commissão especial.

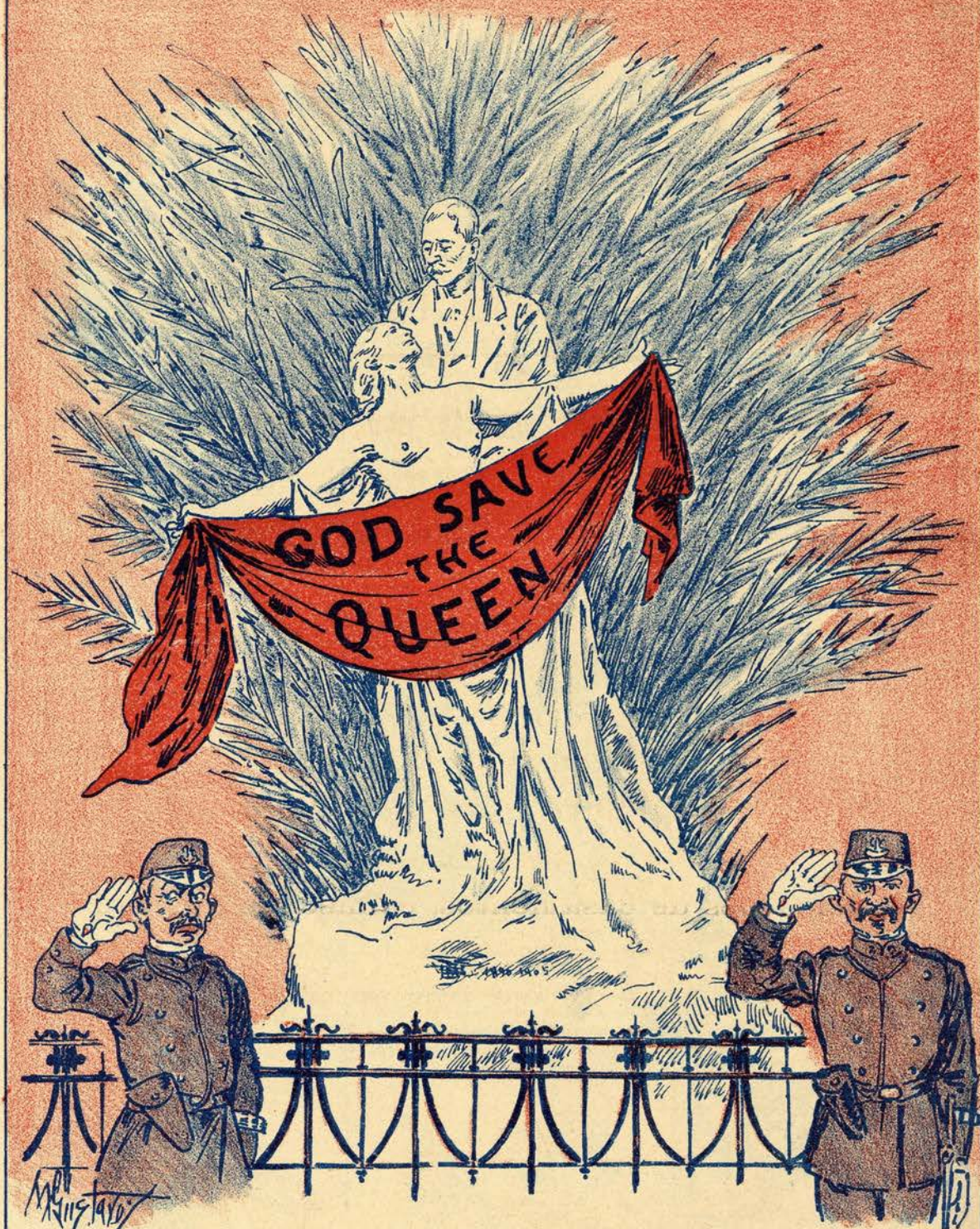


17 — *Pot pourri* de varias revistas do anno, parte original, parte coordenada, parte assobiada, pelo Major reformado em maestro Dias Costa.





# HOMENAGEM DA RUA DO ALECRIM



Sobre a nudez crua da Verdade, o manto pesado do Regosijo



# TYPOGRAPHIA

DO

Annuario Commercial de Portugal

PROPRIEDADE

DE

MANOEL JOSÉ DA SILVA

---

**Iluminação e força motriz por electricidade**

---

Impressões em tinta de copiar

Transportes, ouro e prata

Impressos para as repartições de Fazenda,  
Camaras Municipaes, Companhias de seguros,  
Emprezas de navegação, etc.

Bilhetes de visita,

facturas, bilhetes de loja, recibos,

talões, apolices, quotas,

participações de casamentos, conhecimentos, etc.

---

ESPECIALIDADE EM ROTULOS DE PHARMACIA

E

OBRAS ILLUSTRADAS

---

5—CALÇADA DA GLORIA—5

LISBOA



